
Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002

VICTOR S. GONÇALVES¹

Outrora, matando godos, perdi-me pelas férteis margens do Guadiana. Hoje, onde havia hortas, vejo apenas árvores cortadas, pedras nuas e bichos em fuga, em caminhos assustados pelo voo das cegonhas. E, de Mourão, abutres voam baixo, na planície, até às muralhas de terra de Monsaraz.

Mas onde está o tempo antigo, que Tarik encontrou em Espanha?

Transcrição livre de um texto árabe do século IX

R E S U M O

Na sequência de trabalho anterior (Gonçalves, 2002), dedicado aos monumentos megalíticos, apresenta-se uma síntese prévia de dados referentes aos trabalhos arqueológicos conduzidos pelo autor entre 1998 e 2002 em quatro povoados ou acampamentos e numa mancha de povoamento das antigas sociedades camponesas, todos localizados em áreas afectadas pelo regolfo da Barragem de Alqueva, actual Concelho de Reguengos de Monsaraz (Évora, Portugal).

A lista dos sítios compreende um não-sítio (Xarez 11), onde se encontram misturadas de forma irreversível diversas épocas, do Neolítico à Idade Contemporânea, quatro lugares de povoamento antigo do Neolítico (Carraça 1, Xarez 4, Fonte dos Sapateiros e o notável Xarez 12) e uma mancha de limites indeterminados (Piornal 5), incluindo espólio de vários momentos do Neolítico e talvez mesmo do Calcolítico.

De estes sítios, sobressai Xarez 12, pelas numerosas estruturas de combustão registadas, muitas delas com restos de refeições no seu interior, permitindo uma exacta reconstituição da dieta neolítica. O inventário provisório dos materiais recolhidos neste último sítio em cinco Campanhas de escavação aponta para mais de 250 núcleos de lamelas, quase 2000 lamelas, mais de 70 geométricos, para além de centenas de restos de talhe. A cerâmica, rela-

tivamente numerosa para a fase do sítio que corresponde ao Neolítico final, atinge 845 registos individuais, mas é escassa para o Neolítico antigo. Nessa fase, dominam as cerâmicas impressas.

Na sequência da apresentação dos sítios, avança-se uma síntese prévia das conclusões que eles, no actual contexto, permitem: pela primeira vez se encontrou em Reguengos de Monsaraz um modelo de povoamento neolítico uniforme e muito bem caracterizado, traduzindo-se na ocupação de lugares sem qualquer possibilidade defensiva, junto a recursos naturais garantidos, particularmente cursos de água permanentes, em pequenas localizações sobreelevadas, óptimas para drenagem de águas pluviais, mas sem nenhuma utilidade em critérios de visibilidade.

A B S T R A C T Following previous research (Gonçalves, 2002) dedicated to the megalithic monuments, this article reviews the results of archaeological fieldwork conducted by the author between 1998 and 2002 at four settlements or base camps and in a wide settlement area of ancient peasant societies, all located in places affected by the flooding of the Alqueva Dam, in the municipality of Reguengos de Monsaraz (Évora, Portugal). The list of sites includes a non-site (Xarez 11), where highly mixed material from the Neolithic to modern times was found, 4 early settlements of the Neolithic (Carraça 1, Xarez 4, Fonte dos Sapateiros and the impressive Xarez 12), and an area of indeterminate limits (Piornal 5), which included material from various phases of the Neolithic and perhaps also the Chalcolithic. Of these sites, Xarez 12 stands out for its numerous combustion structures, many with food remains in their interior, allowing for an exact reconstruction of Neolithic diet. The preliminary inventory of the material collected in this last site in 5 seasons of excavation points to more than 250 bladelet cores, almost 2000 bladelets, more than 70 geometrics, in addition to hundreds of flaking debitage. The ceramics, which are relatively numerous for the Late Neolithic, reached 845 individual pieces, but is scarce for the Early Neolithic. In this phase, impressed ware ceramics dominate. After presenting the sites, the author concludes with a brief synthesis about the general meaning of the data in the current state of research. For the first time in Reguengos de Monsaraz, there is evidence for a pattern of Neolithic settlement that is uniform and well-defined, typified by an occupation of places without defensive possibilities, alongside reliable natural resources, particularly permanent watercourses, in small elevated locations, and optimal for the drainage of rainwater, but without any function in terms of visibility or intervisibility.

1. Nota prévia

Ao contrário das antas de Reguengos de Monsaraz, referenciadas como delimitadores de território durante a Idade Média, de forma pré-científica com Leite de Vasconcellos (1894a e 1894b), de forma sistemática com a monografia dos Leisner (1951), e revistas ou escavadas por mim próprio (1992, 1995a, 1995b, 1999, 2001, 2002), os lugares de povoamento das mais antigas sociedades camponesas eram, nesta região, praticamente desconhecidos até fins da década de 80. Nessa altura, e a partir daí, diversos trabalhos chamaram a atenção para um povoamento silenciado (Gonçalves, 1988-1989, 1989, 1990-91, 1995a, 1995b, 1999; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Gonçalves e Sousa, 1997a, 1997b, 2000; Lago et al., 1998; Soares e Silva, 1992).

Em 1998, na sequência de um concurso público, a Empresa para fins múltiplos de Alqueva (EDIA) assinou com a Fundação da Universidade de Lisboa (FUL) contratos destinados a garantir uma série de intervenções de salvamento na área a inundar pela barragem de Alqueva. Entre eles, contavam-se os contratos referentes aos Blocos 3 e 6, abrangendo respectivamente povoados que se presumia pertencerem às antigas sociedades camponesas e os espaços da morte por elas construídos junto ao Guadiana, na área imprecisamente designada pela EDIA como “bacia do Álamo” (Gonçalves, 2002). Neste contexto, coube-me dirigir as intervenções do Bloco 3, focado neste específico âmbito.

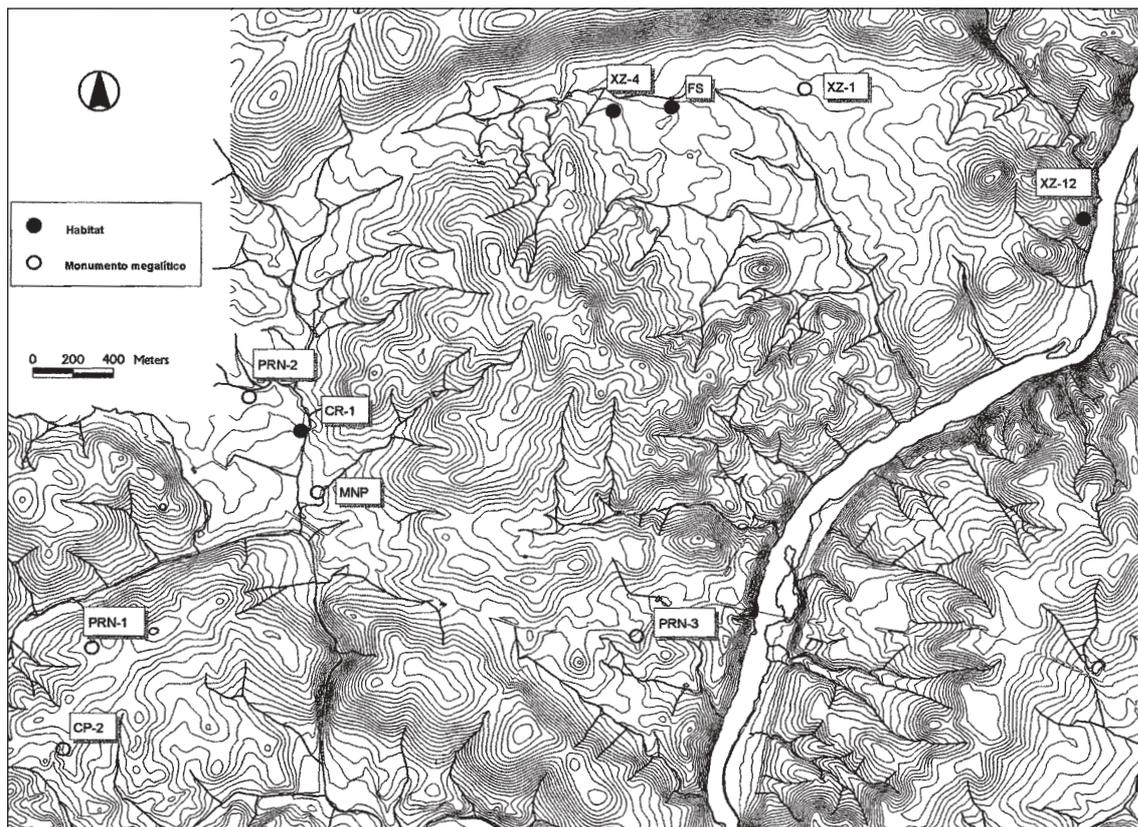
Alguns dos sítios constantes da listagem inicial foram sondados e depois excluídos da programação, considerada a muito provável escassa informação que forneceriam: Malhada dos Gagos 4 e Malhada dos Gagos 32 revelaram, com efeito, tão débeis sinais de ocupação humana que, só por si, se outras razões bem maiores não houvesse, exigiriam uma reavaliação de algumas apressadas interpretações sobre o que se considerou o Langedocense, hoje cada vez mais obviamente um processo técnico para obtenção de lascas de quartzito e não um “período” com referências culturais e cronológicas específicas.

A lista dos sítios agora objecto de estudo compreende

1. Xarez 11 (XZ-11), um pseudo-sítio, objecto de um comentário breve;
2. Piornal 5 (PRN-5), uma área com vestígios de ocupação diversificada;
3. Carraça 1 (CR-1), vestígios de um acampamento com fornos idêntico aos de tipo mais antigo de Xarez 12;
4. Xarez 4 (XZ-4), um acampamento incluindo uma cabana neolítica, com as imediações profundamente afectadas por fenómenos pós-deposicionais;
5. Fonte dos Sapateiros (FS-1), um acampamento com áreas de trabalho da pedra e empedrados;
6. Xarez 12 (XZ-12), um sítio ocupado durante quase todo o Neolítico, com uma notável concentração de vários tipos de fornos culinários e outras estruturas de combustão;

Quadro 1. Sítios escavados e anos de escavação					
Sítio	1998	1999	2000	2001	2002
CR-1		●	●	●	
FS-1		●			
XZ-4		●	●		
XZ-11	●				
XZ-12	●	●	●	●	●

Os trabalhos decorreram do Verão de 1998 até à Primavera de 2002. Fernanda Sousa, em 2000, e Susana Pombal em 2000, 2001 e 2002, contribuíram para a correcção de perspectivas anteriores. A sua presença no acompanhamento integral dos trabalhos de campo tranquilizou um percurso invulgarmente agitado por desastrosos erros de *casting*, de minha inteira responsabilidade. Ana Catarina Sousa acompanhou os trabalhos desde 1998 e desempenhou papel fundamental na recuperação da informação de vários dos sítios referidos, estruturando comigo os Relatórios de campo a partir dos quais foi construído este estudo.



Mapa 1 Distribuição geográfica dos principais sítios referidos neste texto (os restantes pontos assinalados são monumentos megalíticos, cf. Gonçalves, 2002). Cartografia automática: DPA Mourão, de acordo com os dados fornecidos pela equipa do Bloco 3. XZ-12: Xarez 12; XZ-4: Xarez 4; FS: Fonte dos Sapateiros; CR-1: Carraça 1.

Nesta sinopse, cada sítio é objecto de uma ficha-síntese, onde se indica a sua designação, o código de referência, a localização administrativa (Distrito, Concelho, Freguesia, Local), geográfica (coordenadas rectangulares militares X, Y, N) e coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa, Longitude (W) e Latitude (N) e ainda a Carta Militar (CMP) e respectiva data de edição e o acesso actual (em breve, na totalidade dos casos, tragicamente subaquático e reservado a achi-gãs, percas e barbos, se eles conseguirem resistir à poluição química da Portucel...).

Segue-se uma descrição sumária dos objectivos da intervenção, dos resultados, de estruturas identificadas e espólio recolhido. Após o inventário de todos os sítios, tece-se um comentário genérico.

Os critérios usados neste texto variam de acordo com os seus componentes. Assim, a enorme importância de Xarez 12 não é objecto do desenvolvimento que poderia ser lógico, devido a se encontrar em vias de publicação um texto específico (Gonçalves, no prelo). Pelo contrário, Xarez 4 tem uma atenção particular, dada a importância da cabana neolítica ultrapassar de longe a escassez de materiais registada.

Aqui se refere, como se pretendeu de lei, o facto da Administração da EDIA ter autorizado a divulgação de um bloco informativo que antecede a monografia final, cuja edição aquela empresa garantiu contratualmente.

2. Xarez 11

Localização, acessos

Distrito: Évora.
Concelho: Reguengos de Monsaraz.
Freguesia: Monsaraz.
Local: Herdade do Xarez.
CMP: 483 (1990)

As coordenadas rectangulares militares (*datum* de Lisboa) são:

X: - 265.1
Y: - 159.7;
N (cota absoluta): - 139 a 147 m

Ou, em coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa:

Longitude (W) 10° 22' 26" .155
Latitude (N) 36° 56' 39" .722



Fig. 1 O sítio Xarez 11, sondagens de 1998. O Guadiana visto da área em escavação.



Fig. 2 O sítio Xarez 11, sondagens de 1998. A primeira área de escavação.



Fig. 3 O sítio Xarez 11, sondagens de 1998. Alargamento da primeira área de escavação.



Fig. 4 O sítio Xarez 11, sondagens de 1998. Plano de escavação com irregularidade deposicional típica de extensos fenómenos pós-deposicionais.

Acessos: na estrada Reguengos - Mourão, desvio para Monsaraz, junto à estrada (Oeste e Este).

Não longe da margem direita do Guadiana, altimetria 139 a 147 m. Vertente suave a abrupta, tornando-se abrupta em direcção ao Guadiana. No sentido oposto, encosta acentuada, com o topo ocupado por uma extensa colónia de *Oryctolagus cuniculus*.

Características e “história” do sítio

Do fim dos anos 70, duas citações...

“Um Corte local realizado por meios mecânicos pôs a descoberto a seguinte sequência, de cima para baixo:

A - camada castanho escura, móvel, de terra vegetal, moderna;

B - camada castanho clara concrecionada, rica em matéria orgânica (paleossolo holoceno?), contendo o conjunto “languedocense”;

C - camada amarelada, concrecionada, de elementos grosseiros, resultante da alteração e consequente desagregação local do substrato granítico;

D - camada castanho escura muito concrecionada, resultante da alteração e consequente desagregação local do substrato granítico, em fase menos evoluída que a anterior, sendo ainda visíveis resíduos da textura original, apresentando alterações de tipo colorítico” (Raposo e Silva, 1980-81, p. 53).

“Em todo o caso por se tratarem de fragmentos muito pequenos erodidos, é prudente manter sob reserva uma tal apreciação imediata — que no entanto nos parece muito verosímil. A continuação dos trabalhos e sondagem e, posteriormente, de escavação permitirá, em definitivo, esclarecer este aspecto. (Raposo e Silva, 1980-81, p. 53).

Estado do sítio antes da intervenção arqueológica de 1998

Na área NW da estrada, uma exploração pecuária produziu uma espessa cobertura de matéria orgânica (entenda-se: bosta de vaca). Pelo facto da UE 1 ser composta por restos de matéria orgânica animal, possuir consistência naturalmente pastosa e cor escurecida, não permitia as condições mínimas para observar adequadamente os materiais, tendo provocado mesmo, sob o sol intenso, miasmas perturbantes...

Na área SE da estrada, o terreno encontrava-se em 1998 completamente coberto por trigo por colher, o que impedia a observação directa do terreno. Contrariamente ao que seria desejável, a EDIA não tinha ainda efectuado os devidos contactos com o proprietário e entendeu-se também ser dispensável uma intervenção em terreno tão declivoso.

Objectivos e resultados da intervenção de 1998

Objectivos:

Considerando a morfologia e a “história” do sítio, a estratégia de intervenção teve vários tipos de objectivos:

caracterização

1. estado de conservação do sítio e potencial de informação;
2. funcionalidade: que tipo de ocupação doméstica, qual o regime de permanência e integração cronológico-cultural baseada em sequência estratigráfica, considerando a complexidade das atribuições: Acheulense e, sobretudo, “Languedocense”;
3. verificar a plausibilidade da estratigrafia observada por Luís Raposo e A. C. Silva na intervenção arqueológica que aqui tinham efectuado (Raposo e Silva, 1980-91), procurando identificar as áreas escavadas (e aí proceder a leituras complementares).

minimização de impactes

1. aferir o bloco de informação ainda disponível;
2. realização de sondagens na área de dispersão do povoado (sobretudo na área cortada pela estrada, através a realização de Cortes);
3. seleccionar local para aí efectuar escavação em área.

Resultados:

A morfologia de ocupação do sítio

Após a realização dos primeiros trabalhos arqueológicos (prospecção, levantamento topo-

gráfico e sondagens arqueológicas), e a concretização de uma escavação mais extensa, o balanço geral de caracterização do sítio é ainda (e inevitavelmente continuará) deficitário.

Este déficit de informação surge, em primeiro lugar, *em consequência das profundas alterações pós-deposicionais detectadas no sítio*. A construção da estrada municipal constituiu uma profunda agressão, eliminando definitivamente parte da informação eventualmente preservada. Considerando a topografia desta suave vertente, é possível que uma das áreas com maior acumulação de materiais (e portanto com maior potencial de informação) se concentrasse exactamente neste local. A acreditar que Xarez 11 teria sido efectivamente um lugar de povoamento, a área cortada pela estrada constituiria muito provavelmente a sua parte central. No entanto, a leitura comparativa entre o Sector 1 (SW da Estrada) e com o Sector 2 (SE da Estrada) não permite confirmar as leituras estratigráficas.

Para além deste limite incontornável, os trabalhos agrícolas devem ter perturbado profundamente as deposições. Esta situação é particularmente clara para o Corte 3 (que abrange uma área mais alargada, para além dos limites do talude da estrada, que não teria sido, naturalmente, afectada por estes fenómenos pós-deposicionais, mas certamente por outros).

Em toda a sequência estratigráfica do Corte 3 são visíveis vestígios de revolvimento. Todas as unidades estratigráficas revelaram materiais modernos em conexão com materiais arqueológicos. Alguns de estes materiais são mesmo datáveis (fragmentos de garrafas de cerveja Sagres com o logotipo estampado dos anos 60-70, solas de borracha de sapatos de ténis...) Estes revolvimentos devem explicar-se em parte devido à construção da estrada municipal, mas também, e sobretudo, pelos trabalhos agrícolas no terreno, anteriores à sua utilização como curral de vacas.

Refira-se que a rocha-mãe (a cerca de 30 cm de profundidade) apresenta grandes índices de erosão, provavelmente pelo uso de arado. Aliás todo o terreno do Sector 1 evidencia esta situação, mesmo numa leitura superficial “mascarada” pela camada orgânica.

A dispersão de materiais à superfície, e em especial na zona de encosta, é muito forte. Será bem possível também que os materiais possam ter rolado pela encosta, tendo-se quedado nesta área mais aplanada e aqui, com as sucessivas modificações na deposição e sedimentação do local, constituíssem um depósito aleatório de artefactos de diversas épocas e proveniências.

A área escavada não evidencia qualquer nível conservado ou estrutura de ocupação, antes parecendo configurar uma situação em que a actual posição dos artefactos corresponderia a um arrasto provocado por águas de escorrimento.

Nestes termos, não parece adequado considerar XZ-11 como um povoado, mas antes como restos misturados e descontextualizados de ocupações diversificadas, indiferenciáveis, desde o Paleolítico até aos nossos dias.

Quadro 2. Presenças de materiais nas Unidades Estratigráficas identificadas no Corte 3, em contagens provisórias (classificações condicionadas a reavaliação. As designações foram atribuídas durante a escavação e serão estabilizadas aquando da fase de estudo dos materiais)

Categorias	Tipo de materiais	UE 1	UE 2	UE 3	UE 4	TOTAIS
Indústria lítica: quartzito	Núcleos ou utensílios nucleiformes	0	22	0	8	30
Indústria lítica: quartzito	Lascas	27	64	0	1	92
Indústria lítica: quartzito	Seixos talhados	2	3	1	0	6
Indústria lítica: sílex	Núcleos	0	3	0	0	3
Indústria lítica: sílex	Denticulado	0	1	0	0	1
Indústria lítica: sílex	Lamelas	1	10	0	2	13
Indústria lítica: sílex	Lascas	0	29	0	6	24
Indústria lítica: sílex	Restos de talhe	0	29	0	2	31
Cerâmica	Sem forma identificável*	1	7	0	1	9
Cerâmica	Nódulos de argila	0	1	0	2	3
Cerâmica	Bojos modernos	0	0	0	2	2

* pequenos fragmentos atípicos, provavelmente modernos

3. Carraça 1 (CR-1) e Piornal 5 (PRN-5)

Inicialmente, uma área localizada entre as antas Piornal 2 e Monte Novo do Piornal tinha sido referida pela EDIA como de possível caracterização pré-neolítica e atribuída ao Bloco de acções referentes ao Paleolítico. Tanto uma primeira impressão como as observações subsequentes indicaram porém a presença de cerâmica pré-histórica. Os trabalhos levados a efeito nas referidas antas permitiram prospecções de verificação da área envolvente, traduzidas na recolha de materiais neolíticos e mesmo calcolíticos.

Toda a área foi cuidadosamente reverificada, fornecendo uma imagem de grande dispersão dos artefactos, gerando uma enorme dificuldade em caracterizar núcleos que se traduzissem em localizações correspondendo a ocupações identificáveis como lugares de habitação permanente.

Perante este contexto, decidi-me pela abertura de cinco sondagens (designadas por *loci*) e que procuravam identificar correspondências significativas. Estas sondagens traduziram estratégias diferenciadas, sendo algumas delas, de dimensões mais restritas, adaptadas a micro-acidentes do relevo (que poderiam ter eventualmente correspondido a prováveis ocupações). Perante a escassa espessura do sedimento e a ausência de artefactos, outros que os de superfície, suspenderam-se os trabalhos nos *loci* 1, 3 e 4.

O *locus* 2 correspondia a um suave declive, de grande extensão, pelo que foi objecto de uma sondagem dupla, com emprego de mão-de-obra especializada em trabalhos com estas características. Confirmou uma área de ocupação muito restrita e não foi continuado.

A última sondagem definiu uma realidade tão diferenciada das restantes que se decidiu individualizar o sítio, agora referido como Carraça 1 (CR-1).

Carraça 1 (CR-1)

Localização, acessos

Évora, Reguengos de Monsaraz, Monsaraz, Monte do Piornal
CMP 482 (1989)

As coordenadas rectangulares militares (*datum* de Lisboa) são:

M - 159920.48,
P - 262850.56,
N (cota absoluta) - 138.31.

Ou, em coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa:

Longitude (W) 08° 35' 48" .227
Latitude (N) 39° 19' 52" .118

Acesso actual: a cerca de 100 m a Norte da estrada Reguengos-Mourão, acesso por terra batida em frente ao Monte S. Luís, do outro lado da estrada.

Escavado em 1999, 2000 e 2001.

Características do sítio

Sítio de habitat do Neolítico antigo. Implantado numa área aberta, junto à Ribeira da Carraça, afluente da Ribeira do Álamo, este sítio parece evidenciar uma ocupação dispersa, sazonal, situação inferida da dispersão dos materiais e dos próprios núcleos de estruturas. Esta dispersão dificultou a identificação deste núcleo de habitat em 1999, tendo então sido efectuadas 4 extensas sondagens na área aberta onde CR-1 se insere.

Localizado entre dois monumentos megalíticos (Monte Novo do Piornal e Piornal 2), foi inicialmente interpretado como sítio de habitat eventualmente correlacionado com o megalitismo, mas a evidência artefactual e o tipo de ocupação integram-no num momento mais antigo.

O sítio está implantado numa plataforma relativamente plana, com uma ligeira inclinação Norte-Sul.

Está localizado bastante próximo (c. de 10 m), sobre a margem Oeste do leito de um pequeno curso de água (Ribeira da Carraça), com uma orientação Norte-Sul, afluente da Ribeira do Álamo, que corre a cerca de 200 m deste povoado.

Uma inflexão para Norte do curso da Ribeira do Álamo forma um “cotovelo”, no qual desemboca a Ribeira da Carraça. As margens desta configuram um território com suaves declives, circundados em todas as direcções por cotas altimétricas superiores.

Geologicamente, corresponde ao limite Sudeste da mancha de granitos calco-alcalinos e granodioritos, rochas eruptivas.

Os solos do território incluem-se actualmente nas classes B e C de capacidade de uso agrícola.

Esta área tem condições particularmente propícias de abastecimento de água, protecção de vento Norte e Este, devido aos afloramentos em torno dos quais cresce hoje vegetação arbustiva e pequenas árvores, que configuram um espaço fechado ideal para a instalação de um pequeno acampamento.

Actualmente, são terrenos de montado, área de caça. O coberto vegetal é constituído por vegetação rasteira sobre um solo arenoso e não se registam marcas de arado à superfície, embora se trate de uma área na qual ocorreram recentemente trabalhos agrícolas.

Objectivos, resultados

Objectivos

Em 2000, os objectivos eram já muito precisos:

1. delimitação da área ocupada;
2. interpretação das estruturas de habitat. Em 1999, tinham sido identificados 3 tipos de estruturas, uma delas relacionável com as estruturas de argila da fase antiga de Xarez 12 e outras com uma configuração inédita na área do Guadiana médio;
3. Integração cronológico-cultural, confirmando a cronologia do sítio com outros elementos (matéria orgânica ou cultura material)

Resultados:

1. estratigrafia e cronologia

Escassa potência estratigráfica, com um único nível de ocupação, muito erodido. A homogeneidade do espólio valida a interpretação de uma cronologia limitada de ocupação do local num dado momento do Neolítico antigo de Reguengos de Monsaraz. A total ausência da matéria orgânica impede a realização de datações radiocarbónicas.

2. morfologia do habitat, estruturas

A dispersão das estruturas e materiais parece indicar ocupações de tipo sazonal. Foram identificados dois conjuntos de estruturas, separados entre si por cerca de 8 metros:

- Área 1, com três estruturas de argila tipo forno, semelhantes às da fase antiga de Xarez 12. Os fornos apresentavam paredes finas e bases preenchidas por pedras destinadas à convecção do calor. Na área circundante, intensos sinais de combustão.
- Área 2, com três estruturas de argila, tipo “cuvette”, escavadas no substracto rochoso, completamente revestidas a argila e também integrando blocos de pedra no seu interior.

Espólio

Predominantemente constituído por micro-utensilagem. Não foi registado qualquer elemento de pedra polida. Materiais mais representativos: lamelas, geométricos (trapézios e crescentes), truncaturas, lascas e esquirolas, restos de talhe, núcleos de lascas e de lamelas. Escassa cerâmica, sem qualquer elemento que permita inferir morfologias ou dimensões.



Fig. 5 Plataforma de implantação de Carraça 1. Ao fundo, à esquerda, a Ribeira da Carraça.



Fig. 6 Carraça 1: aspecto da escavação, sendo visível a escassa espessura dos solos.

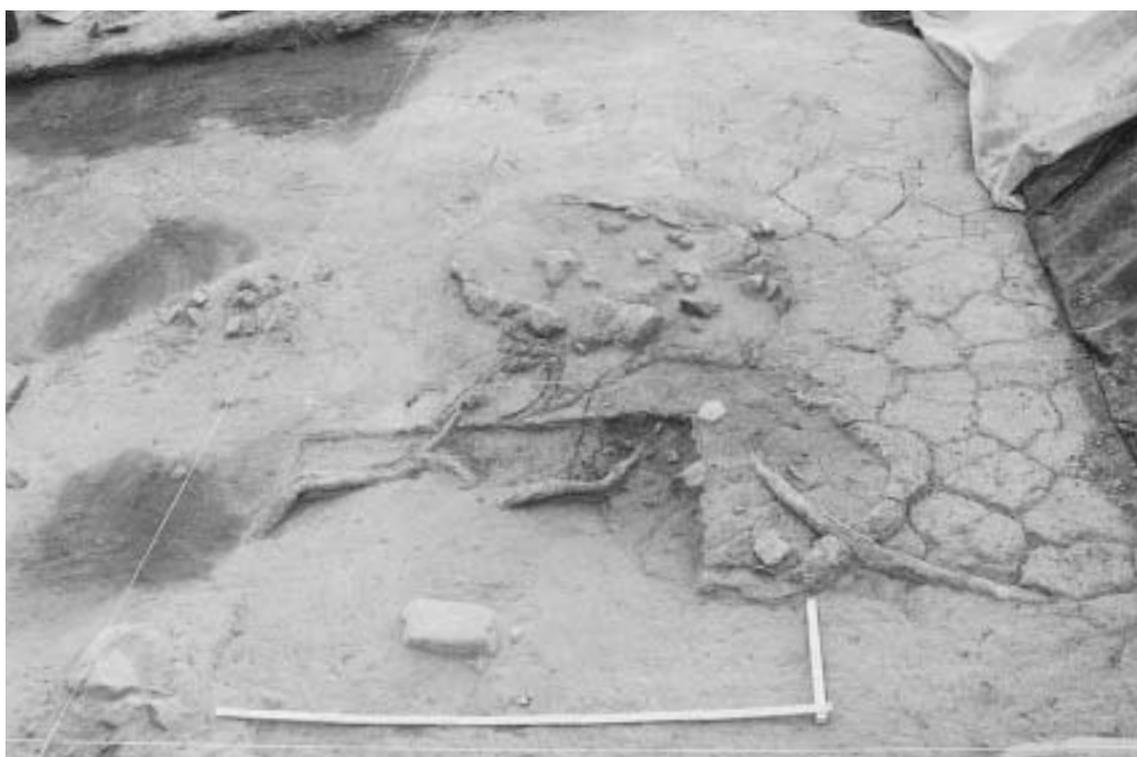


Fig. 7 Carraça 1: aspecto das estruturas tipo forno em diversas fases de escavação.

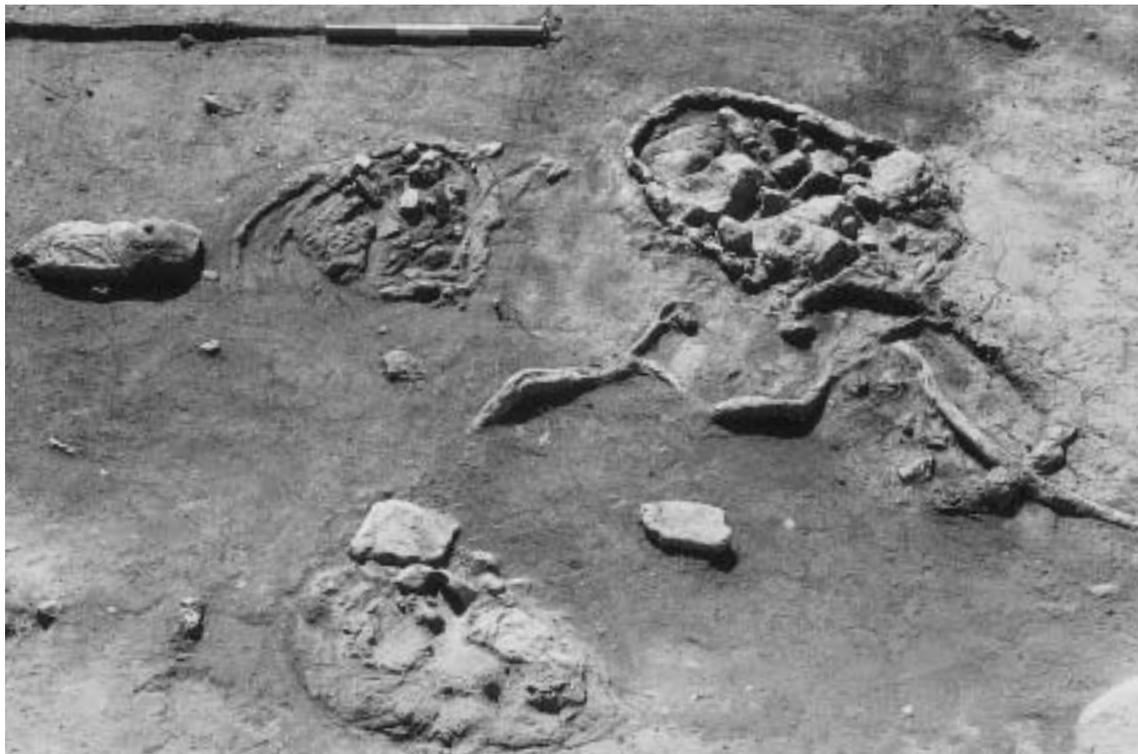


Fig. 8 Carraça 1: aspecto das estruturas tipo forno em diversas fases de escavação.



Fig. 9 Carraça 1: pormenores da placa térmica da Estrutura E.



Fig. 10 Carraça 1. pormenores da placa térmica da Estrutura E.

Piornal 5 (PRN-5)

Piornal 5 foi o nome escolhido, como compromisso com a terminologia referenciativa criada pela EDIA em relação aos monumentos e sítios de esta área, para designar o que pode ser chamado como uma “mancha difusa de povoamento”. Localizada entre Carraça 1 e a Anta 2 do Piornal, foi sondada por diversas vezes, e com recurso a sondagens de tipo que raramente uso (40 x 1 + 30 x 1 m, em Γ) ou cortes *standard* 6 x 4. Revelou apenas um pequeno empedrado sub-circular. Todos os restantes materiais referenciados, incluindo um grande dormente, componente de mó manual para o qual se não encontraram moventes, núcleos de lamelas, pesos de tear, alguma pedra polida, cerâmica avulsa, estavam descontextualizados. Provavelmente, Carraça 1 escapou à destruição generalizada provocada pela agricultura mecanizada em solos de fraca potência por se encontrar rodeada por penedos graníticos que a protegeram. A estrutura subcircular sendo uma exceção, tudo o resto deve ter sido integralmente destruído, restando apenas materiais agora à superfície.

4. Xarez 4 (XZ-4)

Localização, acessos

Évora, Reguengos de Monsaraz, Monsaraz, Herdade do Xarez de Cima
CMP 474 (1995)

As coordenadas rectangulares militares (*datum* de Lisboa) são:

X – 264389.21

Y – 161519.06

N (cota absoluta) – 143.34

Ou, em coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa:

Longitude (W) 07° 23' 40" .770

Latitude (N) 38° 25' 01" .163

Acessos: na estrada Reguengos - Mourão, desvio para Monsaraz, caminho de terra batida junto ao pseudo-cromeleque do Xarez, em direcção Oeste.

Características do sítio

Habitat do Neolítico antigo, provável acampamento de uso esporádico.

Espólio, estruturas

A pedra lascada constitui o item mais numeroso, sobretudo micro-utensilagem sobre rochas siliciosas, sílex, quartzo e quartzito (núcleos, restos de talhe, lascas, lamelas e reduzido número de geométricos). A cerâmica é minoritária, incluindo-se no inventário alguma cerâmica decorada.

A presença de ocupação neolítica e calcolítica na área envolvente do menir do Xarez era desconhecida até 1998, não estando prevista no plano de impacto da EDIA qualquer intervenção na área.

O povoado Xarez 4 foi identificado em 1998 por Manuel Calado, no âmbito dos trabalhos de campo por si efectuados (e inicialmente referido como *Xarez de Cima 4*). O sítio foi designado com o número de relatório 114 e diagnosticado como um habitat inserido em termos cronológico-culturais no Neolítico antigo.

Os materiais recolhidos por Manuel Calado foram previamente estudados pela nossa equipa e referidos na actualização do texto apresentado por mim e Ana Catarina Sousa no 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo (1996, editado em 2000).

Em termos materiais, as presenças eram escassas, mas significativas:

1. cerâmica – fragmento de bojo com cordão plástico, finos entalhes verticais e engobe muito danificado. Fragmentos de cerâmica manual com decoração impressa e incisa.
2. pedra lascada – núcleo de lamelas exausto e seixos talhados.

Aquando do início dos trabalhos, o local apresentava-se com um coberto vegetal reduzido, sem indícios aparentes de grandes revolvimentos agrícolas recentes.

Metodologia e estratégias de intervenção

A metodologia de escavação seguiu genericamente o método de Barker-Harris, muito adaptado às circunstâncias de uma intervenção de emergência (necessidade de abertura de sondagens em detrimento de *open area*), utilizando um compromisso entre unidades naturais e artificiais, combinadas entre planos naturais e com registo de interfaces.

Parte dos materiais arqueológicos foi registada tridimensionalmente (bordos, cerâmica decorada, lamelas, geométricos e núcleos em sílex, quartzito, rocha siliciosa, quartzo hialino, lascas e restos de talhe em sílex, elementos de adorno).

Os sedimentos foram classificados quanto à cor segundo o *Munsell Soil Chart* e utilizou-se uma ficha de Unidade Estratigráfica normalizada. O desenho foi efectuado à escala 1:20 (plantas e cortes). Efectuou-se registo fotográfico pormenorizado a cor, diapositivo e preto e branco.

Com vários núcleos em escavação incluídos no mesmo sistema de quadriculagem, optou-se por efectuar uma numeração individual de cada sector (*locus*), considerando a distância entre eles e a sua especificidade.

A escavação foi planeada segundo uma quadriculagem alfanumérica de 2x2 m que procurava integrar uma área suficientemente vasta para incluir as várias sondagens planeadas e, mais tarde, ser, por sua vez, integrada num levantamento topográfico do local.

O sistema de pontos foi orientado segundo o eixo W – E, uma vez que a morfologia do local parecia configurar uma plataforma que acompanhava uma pequena linha de água a cerca de 30 m N. Usando bússola e teodolito, orientou-se este eixo a sensivelmente 100º E. O ponto de referência de este eixo foi marcado com um prego, junto do afloramento, tal como os restantes pontos, assinalados com pregos ao longo da coordenada com orientação E, ao longo de 36 por 2 m.

O eixo do paralelo foi estabelecido segundo uma orientação N – S, ao longo de 10 m.

A escolha dos sectores de escavação teve como objectivo principal a realização de um diagnóstico alargado de um povoado aberto.

Com efeito, trata-se uma área totalmente aberta, delimitada a W e a E por uma linha de afloramento, a Norte pela Ribeira de Sapateiros, e aberta a Sul, apenas com alguns afloramentos isolados. Foi esta orientação que determinou aliás a implantação da quadrícula.

Considerando que os afloramentos devem ter exercido um factor estruturante na ocupação desta plataforma, foram abertas quatro áreas de sondagem junto a vários núcleos de afloramento.

As várias áreas foram designadas por *loci* e numeradas de acordo com a ordem de intervenção.

1. *locus* 1: implantado numa pequena sobreelevação do terreno, estruturada por um núcleo de afloramentos. A área mais oriental da escavação apresenta visibilidade total para Fonte dos Sapateiros. A detecção de estruturas domésticas e a presença de uma maior potência estratigráfica conduziu a que aqui se concentrasse um maior esforço de escavação, com uma área total superior a 36 m²;
2. *locus* 2: corresponde ao quadrado H.5, situando-se no limite N da plataforma de ocupação e início do declive de afloramento em direcção ao curso de água. Foi escavada uma sondagem 2 x 2 m;
3. *locus* 3: área de escavação entre núcleo de afloramentos que delimitam a plataforma de ocupação a W. Zona de maior preservação do solo antigo, sem trabalhos agrícolas. Esta área poderia eventualmente ser interessante por corresponder a um afloramento com uma morfologia semelhante à famosa “Pedra dos Namorados” de S. Pedro do Corval.

É de salientar que, dada a diferença altimétrica desta área em relação à plataforma de ocupação, foi necessário funcionar com sistema de cotas positivas neste *locus*, ao contrário do que sucede em todos os outros núcleos intervencionados, com sistema de altimetrias negativas;

4. *locus* 4: área a S do *locus* 1, também marca o limite E da plataforma. Zona de recolha de superfície dos materiais cerâmicos decorados recolhidos pela equipa de Manuel Calado. O afloramento que estrutura este sector foi marcado com o código da estação. Trata-se da única área com invisibilidade visual com os demais sectores de escavação.

Descrição e interpretação de estratigrafias e estruturas

Considerando a especificidade de cada sector, os resultados são apresentados sectorialmente. Efectuar um diagnóstico de um sítio amplo como Xarez 4 reveste-se sempre de grande dificuldade, considerado o carácter limitado da amostragem.

A identificação de estruturas domésticas no *locus* 1 tornou-se de grande importância para a compreensão geral do sítio, uma vez que a informação recolhida nos outros sectores apenas indicava a existência de uma esparsa ocupação humana evidenciada por um nível de curta ocupação.

A informação disponível permite já integrar Xarez 4 num Neolítico antigo ou médio que, até 1998, era quase desconhecido na região. A informação complementar dos vários sítios da Baixa do Xarez permitirá a reconstituição de um quadro global da ocupação nesta região.

A abundância de ocorrências actualmente conhecidas necessita de continuar a ser objectivada em termos globais e específicos. Em termos específicos, é óbvia a necessidade de alargar amostragens: trata-se de ocupações esparsas, podendo corresponder a várias fases de ocupação. A identificação de realidades preservadas perante a amostragem disponível é quase um acaso.

Considerando a própria natureza de este trabalho, apenas se apresentam os resultados referentes ao *locus* 1, o que revelou um conjunto de informações mais esclarecedor.

Locus 1

A área designada como *locus* 1 constituiu-se como o sector fundamental para a compreensão do povoado.

Com efeito, foi aqui identificado um conjunto de estruturas pétreas em bom estado de conservação.

A estratigrafia associada a estas estruturas é similar à detectada nos outros sectores de escavação e, de alguma forma, à de Fonte dos Sapateiros: um nível superficial débil, seguido de um nível arqueológico bastante homogéneo sobre uma camada de desagregação da rocha ainda com materiais arqueológicos e sobre a qual se implantam as estruturas. Comparativamente com as outras áreas em escavação, a potência arqueológica é mais elevada (até porque nas demais áreas foram detectados blocos graníticos do afloramento ocupando toda a quadrícula e, por vezes, com uma deposição directa do nível superficial e arqueológico sobre a rocha).

A cultura material identificada parece indicar que se trata de uma mesma faixa cronológica em todos os *loci* em escavação, provavelmente contemporânea da ocupação em Fonte dos Sapateiros.

1º Nível: superficial

UE 1

Camada superficial que integra consideráveis elementos de manta morta (sobretudo junto à árvore implantada a Este da quadrícula), apresentando coloração castanha clara, com uma compactação solta, quase arenosa.

Esta camada superficial foi profundamente afectada pelos trabalhos agrícolas (UE 2), de provável formação muito recente, integrando alguns materiais pré-históricos (líticos e cerâmicos) e escassos fragmentos de cerâmica recente.

UE 2

Marcas de arado ocasionadas por trabalhos agrícolas recentes, parecem de formação actual. Estas marcas foram definidas, individualizadas e fotografadas.

O quadrado R.13 não apresentava a presença de marcas de arado e do sedimento de terra de coberto vegetal que cobria estas mesmas marcas, o que pode dever-se à proximidade do afloramento e da dificuldade do trabalho da terra nessa área.

Também o quadrado S.15 registou um número inferior de marcas de arado.

UE 2b

No quadrado T.15, já na base da UE 9, foram detectadas linhas de descontinuidade, onde se identificou um sedimento mais compacto e escuro. Provavelmente estes eixos correspondem a antigas marcas de trabalho na terra com uma orientação inversa à que foi detectada em planos anteriores, e com maior profundidade. Estas linhas encontram-se igualmente evidenciadas no corte entre T.15 e T.16.

Corta a UE 3 no quadrado T.15. Coberta pela UE 1 e UE 2.

2ª Nível: camadas

UE 3

Camada que deverá corresponder à ocupação associada às estruturas domésticas. A sua deposição é altimetricamente diferenciada.

Apresenta uma coloração castanho claro amarelado (Munsell 10YR 5/6), uma maior compactação que a UE 1, presença de elementos de desagregação da rocha.

Coberta por UE 1-UE 2, em alguns casos assenta directamente sobre a rocha (quadrado R.13), noutros cobre a camada de desagregação da rocha (UE 11) e as estruturas (UE 5, 6, 7, 8, 9, 10).

UE 4

A unidade designada por UE 4 caracteriza-se por um sedimento de tonalidade negra, muito solto, com presença de pequenas raízes e carvões. Apresentava-se, em plano, no quadrante NE do quadrado S.14, bem delimitada em pequenas manchas.

Sendo este sedimento distinto do anterior, e mesmo desconhecendo-se o seu significado antrópico, optou-se por individualizá-lo.

A UE 4 foi escavada integralmente, tendo resultado na recolha de escassos restos de talhe de quartzo e quartzito bem como de carvões de pequenas dimensões e ainda um nódulo de rocha siliciosa (T.14-6).

Coberta por UE 1-2, é equivalente à UE 3, cobrindo a UE 11.

2º Nível - Estruturas

1. Estrutura A: UE 5. Bloco granítico central rodeado por “alvéolo” com pequenas pedras configurando uma área oval. Aparentemente a área total desta estrutura é superior à da estrutura B. Regista-se a abundância de material lítico entre os blocos pétreos;
2. Estrutura B: UE 7. Grande bloco granítico rodeado por pequenos blocos com uma dispersão bastante concentrada;
3. Estrutura C: UE 6. Após a escavação de S.15, verificou-se que, apesar de surgirem alguns blocos de pedra associados (anteriormente identificados em T.15), estes não apresentam a mesma morfologia que as Estruturas A e B (UE 5 e 7). Aqui, não foi identificada a estruturação de grande bloco sobre “alvéolo” de pedras de pequena dimensão correspondendo a uma estrutura de maiores dimensões (aproximadamente 1 m). A estrutura integra blocos de média dimensão, alguns deles bastante imbricados;
4. Confirma-se a diferente morfologia desta estrutura em relação às estruturas A e B (UEs 5 e 7).

A associação entre as três estruturas pétreas e outra, muito danificada, configura os apoios pétreos a uma cabana de forma rectangular.

UE 8

O sedimento que cobre este aglomerado pétreo é distinto, mais claro e fino, de coloração castanha clara (Munsell 10YR 5/3). Foram aqui recolhidas uma lamela e fragmentos de carvão.

Estruturas destruídas?

Para além das referidas estruturas, que apresentam um bom grau de conservação, foram ainda identificadas áreas de concentração de blocos pétreos que poderiam corresponder a realidades similares, entretanto destruídas.

UE 9

Área de dispersão de blocos pétreos de pequena dimensão em granito, grauvaque e com alguns seixos de quartzito. Aparenta equivalência estratigráfica com as estruturas A, B e C

UE 10

Aglomerado pétreo em torno de um bloco granítico. Provavelmente foi cortado por trabalhos agrícolas antigos (UE 2b).

Nota geral sobre as estruturas A, B e C

Estas estruturas funcionavam como um conjunto, tendo como eixo principal a estrutura C, que apresenta maiores dimensões e que corresponderia ao alvéolo de um poste. As duas estruturas de apoio (A e B) encontram-se equidistantes (mais ou menos um metro) e apresentam uma morfologia muito semelhante.

A estruturação tripartida desta área habitacional pode, contudo, constituir apenas o resultado da conservação diferencial do *locus* 1, profundamente afectado pelas marcas do arado. A detecção de uma provável área habitacional em XZ-4 reveste-se de grande importância para a

compreensão da estruturação doméstica dos acampamentos e povoados neolíticos da Baixa do Xarez. De facto, até ao momento, as estruturas identificadas nos demais sítios em escavação indicam apenas áreas de actividade não directamente relacionáveis com áreas de habitação e pernoita. O carácter esperso da estruturação dos povoados nesta cronologia torna muito difícil a elaboração de diagnósticos através de sondagens aleatórias, como as que foram efectuadas em Fonte dos Sapateiros e XZ-4. Apenas através da escavação em área nestes sítios se pode entender a real articulação das várias áreas funcionais do povoado, bem como conseguir a eventual detecção de uma estratigrafia horizontal.

3º Nível – desagregação da rocha

UE 11. Já próximo da rocha, identificou-se uma camada distinta, com uma coloração mais escura, elevadíssima compactação e a presença de muitos elementos de desagregação de rocha. Não fora a presença residual de materiais arqueológicos, julgaríamos que nos encontrávamos perante um nível geológico. Foi sobre este nível que foram implantadas as estruturas pétreas.

Também este nível apresenta paralelismo com uma camada similar detectada na Fonte dos Sapateiros e de difícil escavação (sobretudo em Julho).



Fig. 11 Xarez 4, aspecto das estruturas detectadas no *locus* 1.



Fig. 12 Xarez 4, aspecto das estruturas detectadas no locus 1.



Fig. 13 Xarez 4 pormenor da estrutura central da cabana.

Espólio

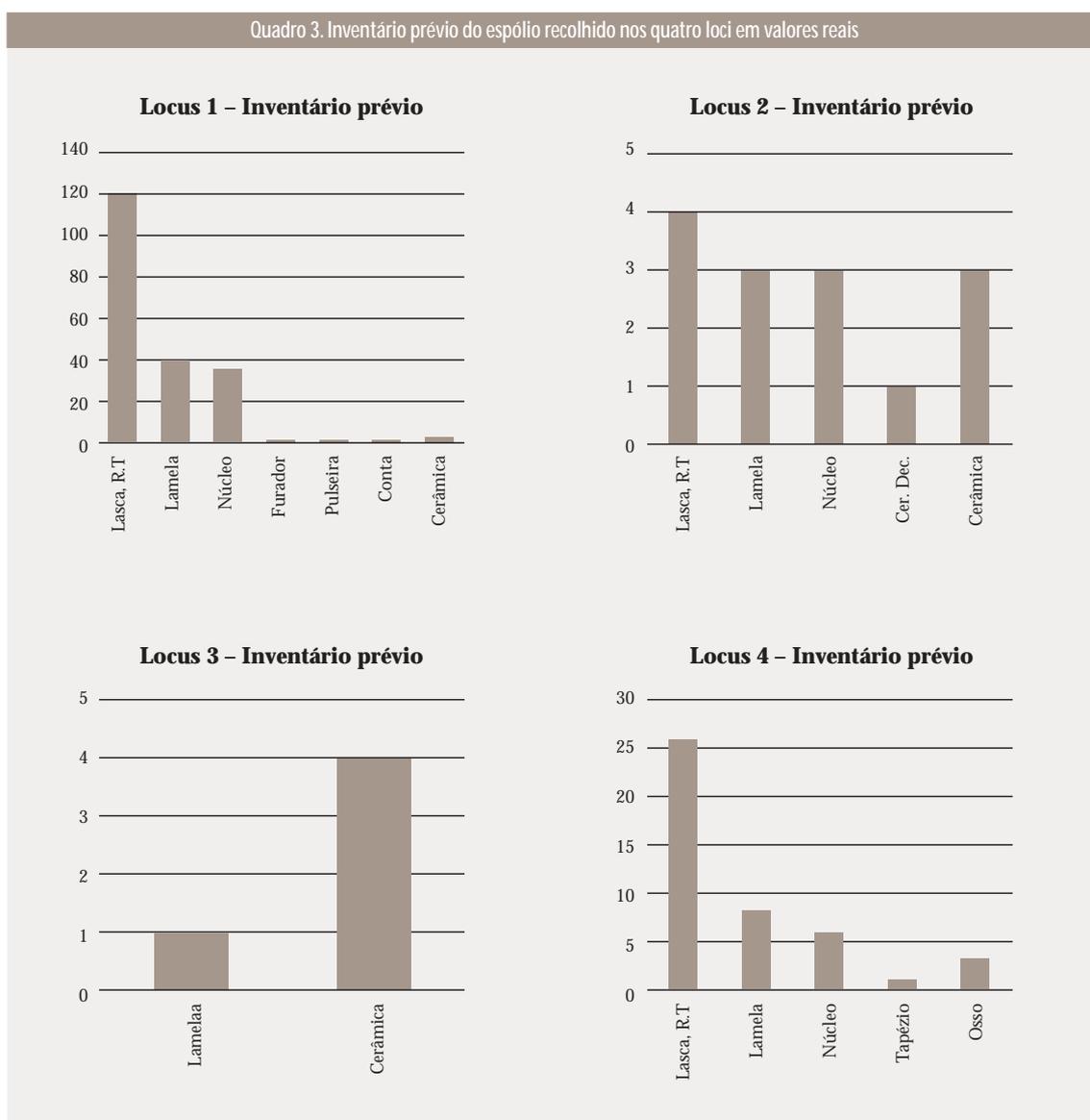
O espólio recolhido em Xarez 4 encontra-se ainda em estudo, depositado na UNIARQ.

Uma análise prévia parece indicar que, em termos gerais, os conjuntos Xarez 4, Fonte dos Sapateiros, Xarez 12 e Piornal 5 são sensivelmente contemporâneos.

Trata-se de um conjunto com uma absoluta preponderância numérica da pedra lascada, sobretudo micro-utensilagem sobre rochas siliciosas, sílex, quartzo e quartzito: regista-se a presença de núcleos, restos de talhe, lascas, lamelas e reduzido número de geométricos.

A cerâmica é claramente minoritária, resumindo-se a alguns fragmentos informes, um bordo com mamilo e uma cerâmica decorada. Não se regista a presença de barro de revestimento.

Quadro 3. Inventário prévio do espólio recolhido nos quatro loci em valores reais



A informação reunida em Xarez 4 reveste-se assim de grande importância para um correcto enquadramento cronológico-cultural da sequência do Neolítico em Reguengos de Monsaraz.

5. Fonte dos Sapateiros (FS-1)

Localização, acessos

Évora, Reguengos de Monsaraz, Monsaraz, Fonte dos Sapateiros
CMP: 474 (1995)

As coordenadas rectangulares militares (*datum* de Lisboa) são:

X: 161538.80;

Y: 264676.53,

N: 138.20

Ou, em coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa:

Longitude (W): 08° 34' 41" .039

Latitude (N): 39° 20' 51" .588

Acessos: na estrada Reguengos - Mourão, desvio para Monsaraz, caminho de terra batida junto ao pseudo-cromeleque do Xarez, em direcção Oeste.

Características do sítio

Habitat do Neolítico antigo. Acampamento com ocupação estruturada entre afloramentos graníticos. Este sítio integra-se numa malha de povoamento disseminado por toda a Baixa do Xarez com uma provável cronologia do Neolítico antigo, parecendo indicar sítios de ocupação temporária ou sazonal, tipo de ocupação atestada também pela linearidade da estratigrafia observada e pelo tipo de estruturas identificadas (empedrados, área de combustão). Os materiais recolhidos durante os trabalhos de escavação parecem indicar a importância do talhe da pedra (sílex, rochas siliciosas, quartzo) e a relativa escassez da cerâmica.

Povoado aberto, com ocupação pouco prolongada, consubstanciada numa estratigrafia linear (camada de desagregação da rocha - nível de ocupação - camada superficial). Foi identificada uma possível área de actividade de talhe de pedra, estruturas de empedrado e de combustão. O grau de dispersão dos vários vestígios traduz a baixa intensidade de frequência do sítio ou a presença de áreas de conservação diferenciáveis junto aos afloramentos, uma vez que a estruturação do habitat está claramente associada aos blocos graníticos.

Objectivos, resultados

Objectivos

Considerando o contexto de salvamento em que esta intervenção se enquadrava procurou-se reunir o maior volume de informação que permitisse efectuar um diagnóstico seguro

acerca da cronologia, morfologia da ocupação e estratigrafia. Com este objectivo, foram abertas 4 sondagens em áreas distintas.

Resultados

Confirmação da cronologia e da morfologia do sítio indicado pelas prospecções: Neolítico antigo. Apesar da escassez de material datável, os materiais arqueológicos (nomeadamente líticos) indicam esta cronologia, a aferir com os outros sítios da Baixa do Xarez.

Espólio, estruturas

Pedra lascada: núcleos de lamelas, lamelas, geométricos (trapézios), restos de talhe em sílex e rochas siliciosas, escassa macro-utensilagem em quartzo e quartzito.

Cerâmica: asa, cerâmica decorada.

Foram identificados pequenos empedrados usados para combustão.

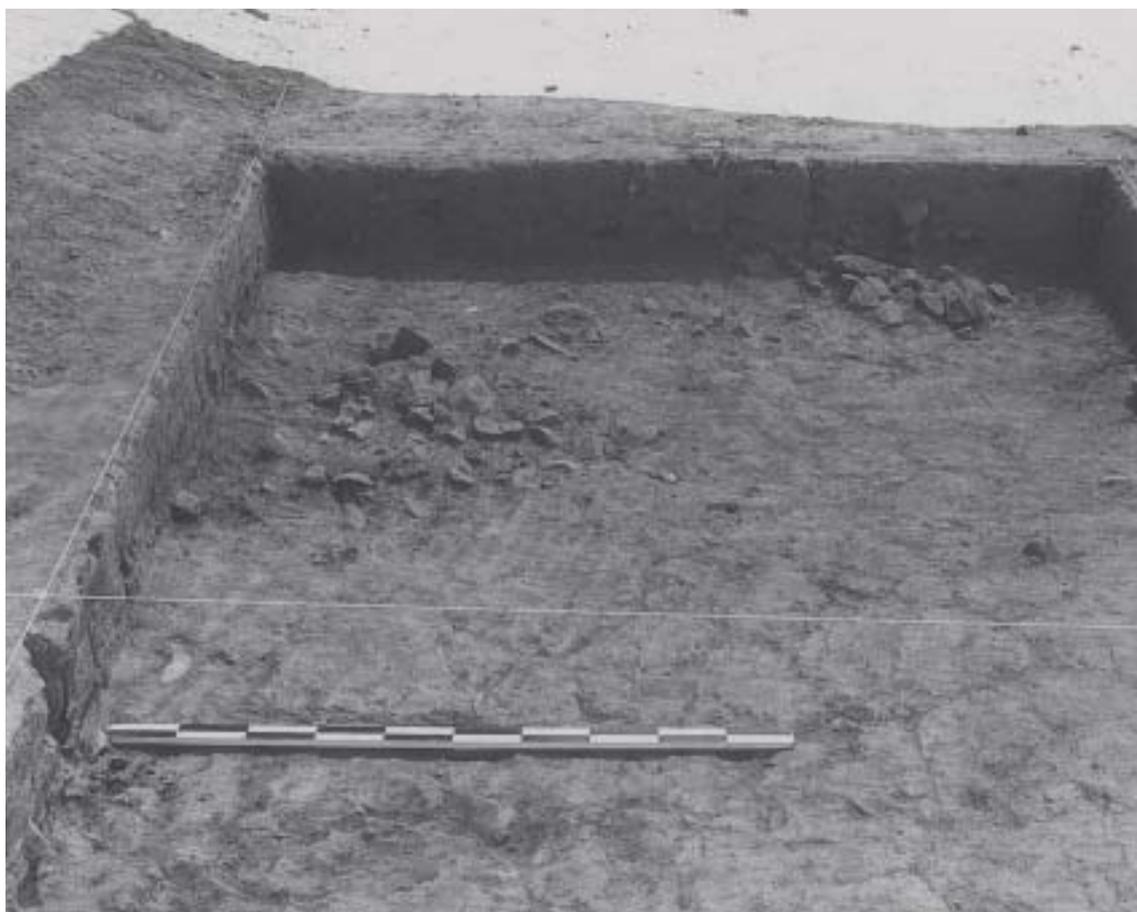


Fig. 14 Fonte dos Sapateiros: pequenos empedrados.

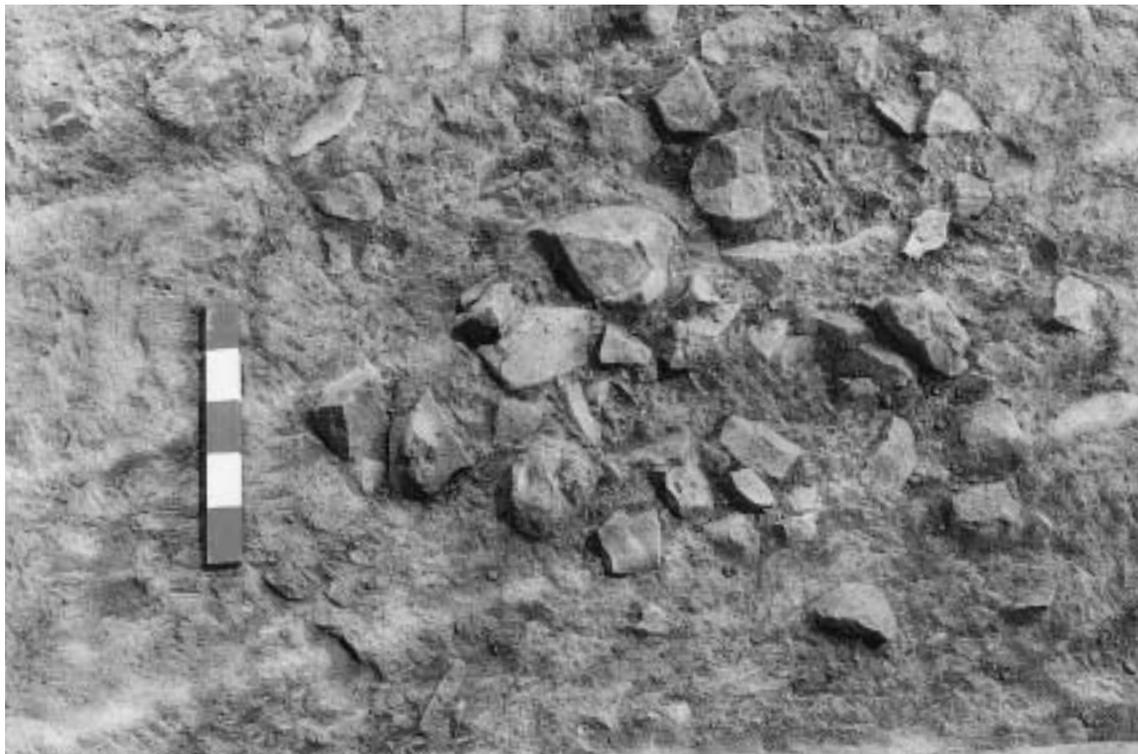


Fig. 15 Fonte dos Sapateiros: pequeno empedrado.

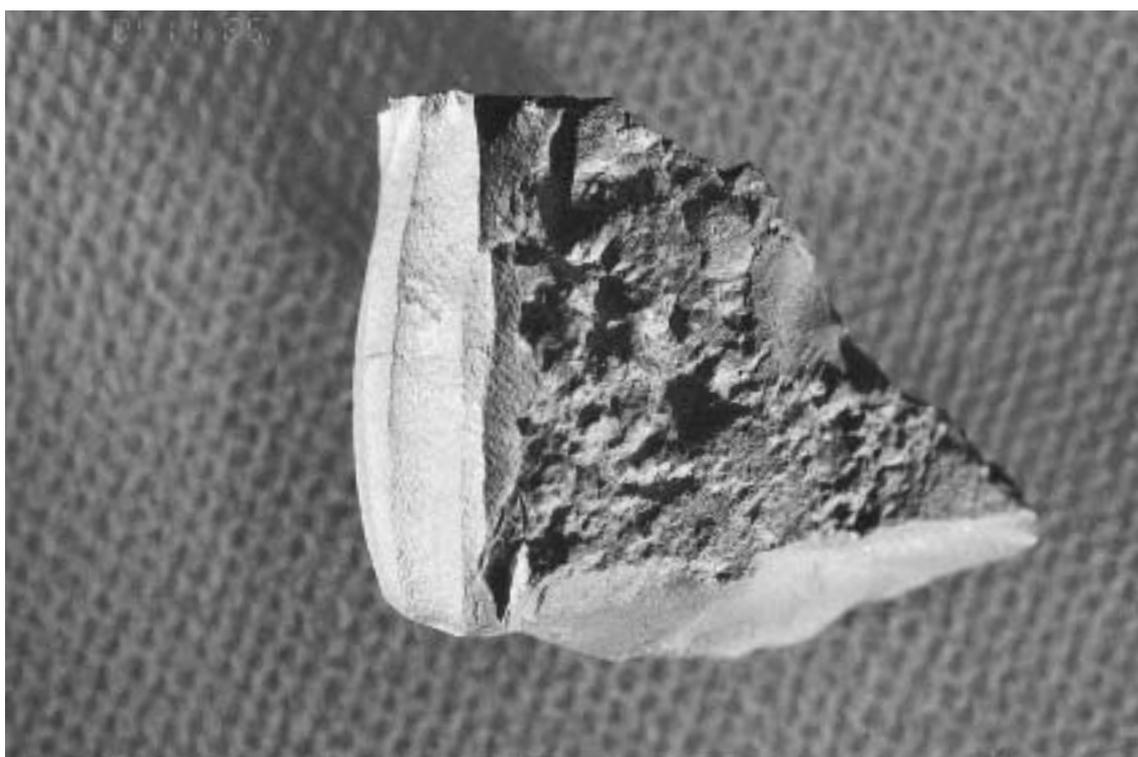


Fig. 16 Fonte dos Sapateiros: núcleo de lamelas "tipo Vitória de Samotrácia".

6. Xarez 12 (XZ-12)

Localização, acessos

Évora, Reguengos de Monsaraz, Monsaraz, Herdade do Xarez de Baixo.
CMP 474 (1995)

As coordenadas rectangulares militares (*datum* de Lisboa) são:

M: 266713.38,
P: 160986.41,
N: 120.37

Ou, em coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa:

Longitude (W): 07° 22' 05" .159
Latitude (N): 38° 24' 43" .277

Acessos: Estrada Reguengos - Mourão, desvio para Monsaraz, caminho de terra batida a partir do Monte do Xarez de Baixo.

Características do sítio

Habitat ocupado no Neolítico antigo médio e final

Sítio de habitat implantado junto ao Guadiana, protegido por um conjunto de grandes afloramentos, que devem ter contribuído para a excelente preservação do local.

Este local deveria atrair grupos que aqui dispunham de condições ideais de permanência, água, caça e recolção e de uma zona bem protegida dos ventos.

As excelentes condições de habitabilidade devem ter conduzido a uma longa ocupação desde o Neolítico antigo, até ao Neolítico final. A ocupação do Neolítico antigo reveste-se de maior importância, porquanto é o nível melhor preservado, com um conjunto de estruturas de combustão e, também, porque foi o primeiro sítio de Reguengos onde primeiro se identificou claramente o Neolítico antigo desta área, permitindo partir para a caracterização do conjunto "da Baixa do Xarez", no qual se inserem Fonte dos Sapateiros, Xarez 4 e Carraça 1.

Objectivos, resultados

Objectivos

Em 1998, foram abertas três áreas de escavação, das quais a Área 3 se revelou como a mais importante, conservando ainda estruturas de argila e uma estratigrafia clara.

Em 1999, os trabalhos concentraram-se na Área 3.

Em 2000, os trabalhos concentraram-se de novo na Área 3, para determinar o registo integral e a nova topografia da área já referida, recuperando as relações espaciais das estruturas identificadas. Abriu-se uma sondagem na chamada Área 4, local considerado como provável para a preservação de estruturas habitacionais.

Em 2001, avançou-se exclusivamente na Área 3.

Em 2002, concluiu-se a escavação dos fornos mais antigos da Área 3, tendo sido preparada a sua remoção.

Resultados

1. Cronologia e estratigrafia

Em alguns pontos, o sítio apresenta grande potência estratigráfica (c. 1.50 m).

A ocupação de Xarez 12 remonta, pelo menos, ao Neolítico antigo, facto mais ou menos atestado, apesar de não existirem ainda datações absolutas, sustentado pelas presenças da indústria lítica e pelos tipos de cerâmica, nomeadamente de tipo cardial. É possível a existência de uma ocupação mais antiga. O habitat deverá ter-se mantido em funcionamento durante todo o Neolítico. A ocupação das comunidades do Neolítico final marcou de forma diferente a área do habitat e em alguns pontos (como na Área 4), afectou profundamente as ocupações antigas.

2. Morfologia do habitat

A compartimentação operada pelos blocos graníticos cria micro-realidades (de alguma forma integráveis nas chamadas áreas de escavação). Estas áreas podem ter correspondido a áreas de funcionalidades distintas. A Área 3 corresponde exclusivamente a actividades relacionadas com a combustão (sobretudo, ou mesmo quase exclusivamente, para fins culinários). Falta ainda a identificação de áreas habitacionais.

Estruturas

Foram identificadas e registadas 33 estruturas de combustão em toda a Área 3 de Xarez 12. Esta concentração, o seu grau de conservação e a sua especificidade morfológica torna este conjunto único para o estudo do Neolítico antigo no Ocidente peninsular. As estruturas de fornos de argila para fins culinários são as mais frequentes (existindo também um faseamento na sua tipologia), existindo ainda estruturas de combustão pétéreas e um empedrado maior.

Quadro 4. Estruturas definidas na Área 3 de Xarez 12, actualizado em 2002

Estrutura	Escavação	Tipo	Quadrado	Comentário
A	1998, 2001, 2002	3	N.19	
A'	2001	3	N.16	Pequeno empedrado de seixos do rio associado à Estrutura P. Abundantes restos de talhe.
B	1998, 2001, 2002	3	N.19	Inclui deposições funerárias
B'	2001, 2002	2	M.18	Estrutura pétrea de combustão com abundantes carvões
C'	2001	2	M.17-M.18	Estrutura pétrea de combustão
C1	1998, 2001, 2002	3	N.18	Com fundo ceramizado bem conservado
C2	1998, 2001, 2002	3	N.18, 19	
D	1998, 2001, 2002	3	M.19	Adossado ao afloramento granítico
D'	2001	2	N.18	Estrutura pétrea de combustão
E	1998, 2001	3	M.18-19	A maior estrutura de XZ-12, continha abundantes valvas de <i>Unio</i> .
E'	2002	3	P.17	Estrutura pétrea de combustão
F	1998, 2001	?	M.19	Restos de construção de uma estrutura?
F'	2002	3	N.18-M.18	
G	1998, 2001, 2002	3	M.19	Pequeno forno muito bem conservado, com artefactos microlaminares no interior (11 lamelas, 3 núcleos, 2 trapézios e diversos restos de talhe)
H	1999, 2001	4	M.17	“Ídolo de cornos” em provável associação
I	1999, 2001	4	N.17	Restos de fauna e fragmentos de lamela, diversos recipientes cerâmicos quebrados no interior, um deles com restos de refeição <i>in situ</i>
J	1999, 2000	4	P.18	Estrutura “vulcão”
K	1999, 2000	4	P.18	
L	1999, 2000	3	P.18	Estrutura “ómega”
M	1999	?	P.18	Restos de carvão
N	1999	?	N.17	Estrutura mal definida
P	1999	?	N.16	Nódulos de argila parecem indicar uma estrutura
Q	1999, 2000	3?	R.18-R.17	
R	2000	2	Q.18	Estrutura pétrea de combustão (seixos)
S	2000	3	Q.17-Q.18	
T	2000	4	Q.17-Q.16	Grande concentração de vasos cerâmicos no exterior imediato
U	2000	3	Q.18-Q.17	
V	2000	2	Q.18	Estrutura pétrea de combustão
W	2000	2	Q.18-R.18	Estrutura pétrea de combustão
X	2000	3	R.18	
Y	2000	3	Q.17	
Z	2000	3	Q.18	
Z'	2000, 2001, 2002	1	N.17-18	Empedrado de quartzito

Espólio

Espólio muito abundante.

Neolítico antigo: abundante micro-utensilagem (lamelas, trapézios, triângulos, crescentes, núcleos, lascas), escassa macro-utensilagem sobre quartzo e quartzito, cerâmica lisa e decorada com impressões (tipo cardial, motivos tipo Cendres...), fauna mamalógica e malacológica.

Neolítico final: taças, taças carenadas, esferóidais, escassa pedra polida, pedra lascada, fauna mamalógica e malacológica.

Quadro 5. XZ-12, contagens provisórias de artefactos segundo os registos de campo não corrigidos (totais das Campanhas 1998-1999-2000, não estando aqui ainda contabilizados os artefactos recolhidos em 2001 e 2002)					
Tipo de materiais	ÁREA 1	ÁREA 2	ÁREA 3	ÁREA 4	TOTAIS
Cerâmica (bordos)	316	14	148	256	734
Cerâmica (bojos)	0	0	>8	>2	>10
Cerâmica (fundos)	0	0	>2	0	>2
Cerâmica (asas)	0	0	10	0	10
Cerâmica (sem especificação)	0	0	>32	0	>32
Cerâmica decorada	1	1	2	42	46
Cerâmica mamilada	+	0	12	33	45
Cerâmica carenada	+	0	13	35	>48
Colher	0	0	0	10	10
Denticulados	1	1	4	0	6
Furadores	0	0	6	0	6
Geométricos (trapézios)	2	4	43	1	>50
Geométricos (triângulos)	0	0	6	0	6
Geométricos (crescentes)	0	0	9	1	10
Lamelas	16	45	1481	88	1630
Lâminas	1	3	19	6	29
Lascas e restos de talhe	23	29	609	34	695
Núcleos	15	10	207	12	244
Tablettes	0	0	22	1	23
Microburil	0	0	4	3	>7
Plaquetas	0	0	4	4	8
Peso de rede	0	0	0	4	4
Artefacto adorno pessoal	0	0	0	2	2
Pedra polida	0	1	0	4	5
Percutores	1	0	3	0	>4
Raspadores	0	0	3	3	6
Pontas de seta	2	0	0	2	4
Quartzo hialino	0	0	17	2	19
Seixos talhados	6	0	34	6	46

Particularmente no caso das cerâmicas, 0 = ainda não detectado. Não significa forçosamente inexistência. + = presença não quantificada.



Figs. 17 e 18 Xarez 12: plataforma de implantação no início dos trabalhos.



Figs. 19 e 20 Xarez 12: Guadiana na área genérica de XZ-12.



Figs. 21 e 22 Xarez 12: Estruturas de combustão (fornos) da fase mais antiga.



Figs. 23 e 24 Xarez 12: bases de fornos destruídos.



Fig. 25 Xarez 12: da esquerda para a direita, fornos de segunda fase J e L.



Fig. 26 Xarez 12: da esquerda para a direita, forno de segunda fase K e empedrado Z'.

7. Comentário final ao conjunto de sítios

Não é fácil, antes do estudo do espólio e estruturas estar concluído, avançar outras observações, que não genéricas considerações sobre localização cronológica, espólio e estruturas.

A importância de este conjunto de sítios é obviamente grande: pela primeira vez se encontrou em Reguengos de Monsaraz um modelo de povoamento neolítico uniforme e muito bem caracterizado, traduzindo-se na ocupação de lugares sem qualquer possibilidade defensiva, junto a recursos naturais garantidos, particularmente cursos de água permanentes, em pequenas localizações sobreelevadas, ótimas para drenagem de águas pluviais, mas sem nenhuma utilidade em critérios de visibilidade.

O espólio revela naturalmente sítios de ocupação diversificada, com intensidades e permanências de uso muito distintos, sobressaindo Xarez 12, com registos da cultura material que impressionam pelas possibilidades de estudos estatísticos, para além dos que lhes subjazem, excelentes. O inventário provisório dos materiais recolhidos nas três primeiras Campanhas em XZ-12, baseado nos registos imediatos de campo, e portanto a corrigir profundamente, aponta para totais de 244 núcleos de lamelas, 1630 lamelas, 66 geométricos, para além de centenas de restos de talhe. A cerâmica, relativamente numerosa para a fase do sítio que corresponde ao Neolítico final, atinge 845 registos individuais, mas é escassa para o Neolítico antigo. Existem, no entanto, fragmentos de pequena dimensão, alguns decorados, que continuam a ser identificados na lavagem de materiais.

Os outros sítios caracterizam-se por números de artefactos muitíssimo mais baixos, traduzindo evidentemente ocupações mais limitadas no tempo e, sobretudo, uma maior sazonalidade.

As estruturas identificadas revestem-se também da maior importância, conforme foi directamente observado pelos especialistas europeus que se deslocaram por diversas vezes aos sítios: cabana quadrangular (Xarez 4), empedrados (Xarez 12, Fonte dos Sapateiros e muito provavelmente Carraça 1), fornos culinários de argila (Xarez 12 e Carraça 1), conjuntos até ao momento únicos nesta área do “interior” alentejano.

Lisboa, Primavera de 2002

¹ UNIARQ
Unidade de Arqueologia
Faculdade de Letras
P-1600-214 Lisboa
Portugal
vsg@mail.doc.fl.ul.pt.

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, V. S. (1988-1989) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 9-10, p. 47-60.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC-UNIARQ, 2 vols.
- GONÇALVES, V. S. (1990-1991) - TESP3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12. p. 53-72.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ-INIC. 274 p.
- GONÇALVES, V. S. (1995a) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. In *O Megalitismo no Centro de Portugal*: Mangualde, Nov. 1992. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira-Alta, p. 115-135.
- GONÇALVES, V. S. (1995b) - *Sítios, "Horizontes" e Artefactos*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2001) - A Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2. p. 115-206.
- GONÇALVES, V. S. (2002) - Intervenções arqueológicas em monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz na área a inundar pela Barragem de Alqueva. Um ponto da situação em fins de 2001. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1. p. 39-65.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2000) - *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo (Reguengos de Monsaraz 1996)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 17).
- GONÇALVES, V. S., ed. (no prelo) - *Muita gente, poucas antas? Actas do 2º Colóquio Internacional sobre megalitismo (Reguengos de Monsaraz 2000)*. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (no prelo) - Comer em Reguengos no Neolítico. As estruturas de combustão da Área 3 de Xarez 12. *Muita gente, poucas antas? Actas do 2º Colóquio Internacional sobre megalitismo (Reguengos de Monsaraz 2000)*. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S.; CALADO, M.; ROCHA, L. (1992) - Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10. p. 391-412.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997a) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente Peninsular. In *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Gallega, Universidade de Santiago de Compostela, Unión Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas, p. 609-634.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997b) - Uma primeira notícia sobre a ocupação pré-histórica do sítio Areias 15 (Reguengos de Monsaraz, Évora). *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz. Boletim Cultural do Município*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 71-95.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). *Muitas antas, pouca gente? . Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 11-104.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. (1998) - Povoado dos Perdighões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1 p. 45-153.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura (reeditado pelo INIC-UNIARQ, Lisboa, 1985).
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (1984) - O Languedocense: ensaio de caracterização morfofotécnica e tipológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 2, p. 97-166.
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (1980-81) - A estação "Languedocense" do Xerez de Baixo (Guadiana). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 47-84.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 37-88.
- ZBYSZEWSKI, G.; PENALVA, C.; CARDOSO, J. (1984) - Comentário. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 2; p. 97-166.

